# O Tratado das Categorias de Aristóteles: alguns aspectos\* - 02/05/2016

O tratado das categorias é a primeira metafísica de Aristóteles [1].  
Investiga-se nele as coisas mesmas, sob sua própria perspectiva, já que o \_ser  
se dá\_ de muitos modos – sob as formas das categorias. Assim, as categorias  
são os tipos básicos de ser (de modo realista): substância, qualidade,  
relação, quantidade, etc., e Aristóteles utiliza o seu esquema de apreensão do  
mundo de modo a classificar as coisas.  
  
O tratado começa de forma \_ex-abrupta\_ , definindo as coisas como termos  
homônimos, sinônimos e parônimos. Coisas homônimas têm mesmo nome e definição  
distinta: por exemplo, banco como instituição financeira ou o banco da praça  
[2]. Coisas sinônimas têm mesmo nome e mesma definição (natureza,  
essência...): desse modo um ser humano e um boi são chamados de animais [3].  
Já as coisas parônimas não são termos e não passam de uma derivação  
linguística que não terá destaque na obra do Filósofo (ex. coragem: corajoso).  
  
Segue-se o segundo capítulo tratando das coisas que são ser (\_το ον\_):  
  
1. São predicados de um substrato, mas não estão em um substrato.  
  
Ex. Sócrates é homem. Predicamos homem de Sócrates, mas não há uma humanidade  
em um sujeito.  
  
2. Estão em um substrato, mas não são predicados de um substrato.  
  
Ex. uma alvura particular está em um sujeito, mas não pode ser afirmada de  
qualquer sujeito conhecido [4]. No caso, é um branco específico que está um  
sujeito, como um atributo particular. Na página 31, diz Aristóteles: “Tomemos  
o \_branco\_ como exemplo. Ora, o branco está, sem dúvida, num corpo e assim é  
predicado de um corpo, uma vez que um corpo, está claro, é que é chamado de  
\_branco\_. A definição, contudo, de branco nunca pode ser predicada de qualquer  
corpo.”  
  
3. São ditas de um substrato e estão nele.  
  
Ex. Tipos de atributos ou classe de atributos. O conhecimento está presente na  
alma como um sujeito, e também é afirmado da gramática [5].  
  
4. Não são ditas e nem estão em um substrato.  
  
Ex. indivíduos particulares. Este homem, um cavalo.   
   
  
Conforme Zingano, de (d) é dito três vezes nas \_Categorias\_ : tudo mais ou bem  
está nele ou é dito dele, do que procede a tese da dependência ontológica: “E,  
supondo que não houvessem substâncias primárias, seria impossível que  
existissem quaisquer das outras coisas” [6]. Mas, aqui, Aristóteles já passou  
pelas categorias e está no capítulo 5 do tratado (da substância) e, portanto,  
abreviaremos essa reflexão para ressaltar alguns aspectos:  
  
1. Que há uma substância primeira e que seu traço próprio é a possibilidade de receber contrários e permanecer o mesmo.  
  
2. Que, conforme Zingano, nas \_Categorias \_Aristóteles faz uma ontologia regional, porque é uma ontologia da substância sensível.  
  
3. Nas \_Categorias\_ , a substância (\_ουσια\_) é uma das categorias – os indivíduos, enquanto substância primeira. Nas \_Categorias\_ , os indivíduos são “um isto” (\_τοδε τι\_).  
  
4. Há uma substância segunda, a espécie, o gênero. Só elas são substâncias, exceto pelas primeiras, porque a definem, ao passo que, “ele corre” ou “é branco”, nada definiria da substância primária [7].  
  
\_\_\_\_\_  
  
\* Conforme notas de aula de Zingano, História da Filosofia Antiga III, 2016.  
  
[1] Embora haja certa controvérsia sobre sua autoria. Zingano, argumentando a  
favor da autoria aristotélica, articula a questão que seria proposta por  
Aristóteles, qual seja: do que seria constituído o mundo, qual a sua mobília?  
No \_Tratado das Categorias\_ , a mobília do mundo seria o indivíduo, a partir  
de uma metafísica do concreto. Na \_Metafísica\_ , a mobília do mundo seriam as  
formas, pois elas teriam uma estabilidade mais forte, estariam nos indivíduos,  
mas não seriam particulares, embora fossem peças não tão materiais...  
  
[2] Cf. o [Google](http://www.dicionarioinformal.com.br/hom%C3%B4nimo/).  
  
[3] Aristóteles, \_Categorias\_ , tradução Edson Bini. São Paulo: EDIPRO, 2011.  
Pg. 25.  
  
[4] ibidem, pg. 27.  
  
[5] ibidem, pg 27.  
  
[6] ibidem, pg. 32.  
  
[7] ibidem, pg. 34.